

Porto: ainda a cidade das aldeias? Da Carta de Augusto Telles Ferreira à Porto 2001

Mário Mesquita

Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto (FAUP), Arquitecto e investigador (I2ADS, CITCEM)
mmesquita@arq.up.pt

Bruno Quelhas

Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto
b.plasenciaquelhas@gmail.com

Resumo:

A presente comunicação pretende ampliar a reflexão sobre a cidade do Porto e as suas inter-relações sócio espaciais e intersecções cidade/campo. Neste território, cuja expansão polinuclear, preserva algo do “comum” e da “comunidade”, o que significa, na contemporaneidade, a herança dos “Lugares” que o compunham no final do século XIX e que foram cadastrados (entre 1860 e 1892), ainda antes da sua delimitação formal, com a estrada da Circunvalação? Se compararmos a cidade contemporânea com a da Carta Topográfica da Cidade do Porto de 1892 (coordenada por Augusto Telles Ferreira) aferimos que são evidentes as permanências que permitem ler espacialidades de resistência da estrutura oitocentista e dos “rsgamentos” que se planeavam, revelando, hoje, outra cidade, a “cidade das aldeias” que foi sobrevivendo à implantação de “outras”, como a industrial, a do “trabalho”.

Abordando os processos de transformação desses territórios, actualmente instáveis social, espacial e culturalmente, falamos de sítios, em sistema (espacial e humano) e, sobre os quais, há 127 anos, foram traçados planos de expansão ainda por concluir. A empresa a que essa equipa se lançou, não teve como objectivo único o levantamento do território por fins cartográficos, mas sim “a criação de uma ferramenta de gestão/administração do espaço urbano para a Municipalidade” – Telles Ferreira refere-o no Relatório da Comissão Municipal onde admite criar um registo da informação essencial para um conhecimento rigoroso e analítico da cidade e seu planeamento, ao que acrescenta que serviria “para se poder melhor apreciar os novos estudos de ruas que forçosamente se hão-de abrir nas freguesias anexadas”, depois de concluída a Circunvalação.

Após o mapeamento dessas espacialidades e sociologias (a partir de cartografia – hoje histórica), tornou-se possível revisitar os percursos do Porto do século XIX, verificar a resiliência desses processos físicos/sociais de ocupação do território e compreendê-los na cidade actual. Convocando a dimensão histórica, usando-a na medida das necessidades de compreensão da contemporaneidade, interpretando/observando/registando o espaço nos próprios “Lugares”, repensamos, no presente, as suas idiossincrasias.

Partindo da premissa que o território das cidades é composto por rupturas e continuidades que nos informam do seu

processo de transformação (entretecido, arqueologicamente, como camadas, sobrepondo espessuras) como objecto de estudo, não se constitui em realidades estáticas. Pelo contrário: a sua formação/consolidação são processos dinâmicos/sobreviventes, que se alternam, estabelecendo-se como matéria desenhada/cartografada, produzindo evidências históricas materiais, reproduzindo a invenção do território, o desenho do ambiente urbano e a afirmação do ser urbano.

Ao atentarmos na importância da informação e sobretudo da interpretação da cartografia histórica, das várias cartografias que se vão sobrepondo/sucedendo no tempo, observarmos, no caso específico da Carta de 1892, um retrato esclarecedor do tecido urbano portuense do último quartel de 1800 nas vésperas dos limites que hoje conhecemos (conclusão da Estrada da Circunvalação em 1896 e a troca de terrenos com concelhos vizinhos, e.g. zonas da Sr.^a da Hora, Rio Tinto e o leste da freguesia de Campanhã). Se fizermos um exercício de comparação com a cidade contemporânea, especialmente com a que resultou da “Porto 2001”, com todo um conjunto de intervenções ligadas à requalificação do espaço público planeadas para a Capital Europeia da Cultura e à sua acção sobre as redes de caminhos oitocentistas (apenas consagradas numa pequena e redutora parte intitulada de “Caminhos do Romântico” – que presunham recriar uma rede excêntrica de ligações ao centro da cidade através de uma memória totalmente embebida no centro da mais expandida e consolidada malha urbana, no do interior dos quarteirões), verificamos um conjunto de evidentes permanências que nos permitem perceber a resistência, de facto, de uma estrutura rural, a referida outra cidade no interior da nossa.

Após o mapeamento dessa memória resistente de outros tempos, tornou-se possível revisitar esses percursos herdados do século XIX, verificar a resiliência dessas estruturas de ocupação do território e compreender o seu papel na cidade actual, num campo geográfico que extravasa, por razões de assentamento das populações, fluxos e dinâmicas diárias e substantivas identidades materiais e imateriais, ultrapassando as fronteiras administrativas portuenses e entendendo-se a uma área geográfica que podemos definir como a intersecção dos territórios do troço mais litoral da bacia hidrográfica do rio Douro.

Essa cidade alargada, refundindo a matriz de um território convergente ao Porto, vai ganhando densidade até chegar à foz do rio, alternando ruralidades com urbanidades, salpicando sincopadamente a paisagem com território, tornando obsoletos os limites administrativos, linhas imaginárias tão materiais no quotidiano e na cartografia de há 100 anos.

Reflectindo sobre a cartografia histórica e os processos de planeamento, de que forma a sua conjugação disponibiliza ferramentas de transformação do território e do ambiente urbano?

Palavras-chave:

Território, Cidade, Cartografia histórica, Porto.